

## **GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: TRAJETÓRIAS MARCADAS PELA HOMOFOBIA.**

Marcos Andrade Alves dos Santos; José Kasio Barbosa da Silva; Renata Queiroz Maranhão;  
Daniele Gruska Benevides Prata

*Universidade Estadual do Ceará – UECE, [marcos.andrade@aluno.uece.br](mailto:marcos.andrade@aluno.uece.br); Universidade Estadual do Ceará – UECE, [jose.kasio@aluno.uece.br](mailto:jose.kasio@aluno.uece.br); Universidade Estadual do Ceará – UECE, [renata.maranhao@uece.br](mailto:renata.maranhao@uece.br); Universidade Estadual do Ceará – UECE, [daniele.gruska@uece.br](mailto:daniele.gruska@uece.br).*

### **Resumo**

Trabalhando a partir do endosso da escola à heteronormatividade, compreendemos que o espaço escolar – especificamente em contextos rurais – pode ser um ambiente violento para as subjetividades e corpos que transgridem aos binarismos de gênero e de sexo. Ao analisar a trajetória de estudantes homossexuais negros egressos de uma escola rural do Litoral Oeste do Ceará, objetivamos compreender quais tensões marcam as trajetórias destes sujeitos na escola rural, e quais estratégias estes indivíduos elaboram quando desejam viver publicamente suas identidades sexuais e de gênero. Esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida mediante realização de entrevistas semi-estruturadas, a partir do trabalho de campo construímos um estudo de caso, de acordo com o contexto pesquisado. Esta pesquisa reflete que a organização social nas escolas rurais acontece em função da diferenciação sexual e de gênero. Esta organização hierarquiza sexualidades, conferindo um lugar privilegiado à heterossexualidade enquanto ocupa-se em precarizar e diminuir politicamente a homossexualidade. As trajetórias dos sujeitos investigados recuperam tensões características à vida gay na escola, embora aqui destaquemos experiências na escola rural. Estas demarcam um campo fértil de pesquisa, a homossexualidade nas escolas de zona rural, e à medida que esta problemática é cruzada com os dados produzidos sobre preconceito nestas escolas percebe-se a urgência de construir políticas públicas em Direitos Humanos para serem desenvolvidas nas realidades em que se encontram. Os homossexuais pesquisados mostraram que na emergência da homofobia e do sexismo reinventam suas identidades, construindo alianças com outros grupos diminuídos e assim minimizam os efeitos da violência homofóbica.

**Palavras-chave:** Heteronormatividade; Escolas rurais; Gays negros; Homofobia;

### **INTRODUÇÃO**

A sexualidade se tornou uma preocupação central da agenda contemporânea. A tensão é construída da seguinte forma: de um lado, Movimentos LGBTs organizados questionam com sua aparição pública a heteronormatividade da sociedade ocidental, propondo formas mais plurais para vivência da sexualidade e dos gêneros, muitas vezes pautados em ideias provenientes dos estudos *queers* que voltam sua crítica à heteronormatividade compulsória, hegemônica nas práticas sociais diversas. No outro lado, a tradição cultural heteronormativa reativa seus discursos e combate expressões da cultura gay, acirrando a luta com esses grupos homossexuais e teóricos. Ressalta-se que tais ideias podem até mesmo circular dentro de espaços culturais de gays e lésbicas, onde se procura assimilar modos de ser mais próximos dos padrões sexuais e de gênero heteronormativos, sendo abjetados aqueles que dele se afastam (MISKOLCI, 2013).

No tocante a construção de Políticas Públicas para LGBTs, os movimentos sociais têm

participado das decisões nos orçamentos participativos e nas deliberações sobre direitos humanos, reposicionando a lógica democrática para aquela que entende que as decisões públicas não são mais cabíveis apenas do ponto de vista da eleição de representantes, mas que as organizações da sociedade civil e movimentos sociais devem (e têm) participado ativamente deste processo.

Neste cenário importa compreender que a escola é um ambiente importante para formação dos sujeitos na sociedade, podendo gerar tensões para quem foge do padrão hegemônico da sexualidade, pois como discute Junqueira (2012), nesta instituição cultivam-se valores e práticas heteronormativas. Na escola, aprendemos os principais códigos que nortearão nossa ação social, aprendemos a linguagem formal, a manejar a escrita, o discurso, mas também a escola educa gestos. Esta educação implica na identificação e assimilação de determinadas referências sociais que são aceitas, tais como preconceitos contra os que escapam aos esquemas de gêneros e sexualidades.. Em suas reflexões sobre sua trajetória escolar e os processos identitários que esteve submetida na escola, Louro (2005) afirma que na escola aprendemos mais que os saberes que constituem as disciplinas. Para ela aprendemos fundamentalmente a construir identidades sociais, especialmente as sexuais e de gênero.

Essa compreensão requer uma reflexão sobre os processos escolares que atuam na construção desta aprendizagem. A escola é uma projeção da sociedade, mantendo um alinhamento com os valores e normas que são aceitos na cultura. Se a maioria dos estudos sobre gênero e sexualidade aponta que vivemos em uma sociedade que compreende a heterossexualidade como ponto de partida da existência e padrão a ser forjado (PRADO E MACHADO, 2012), logo temos uma escola que, para Junqueira (2012, p. 4), é um espaço “obstinado na produção, reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormatividade”.

Ao lançar o olhar para as situações cotidianas da escola percebemos que a organização das tarefas volta-se para uma distribuição binária dos sexos e dos gêneros, garantido que os corpos se ajustem a heterossexualidade compulsória. A incorporação destas normas sexuais e de gênero implica na socialização de processos que estruturam as possibilidades de cada corpo e compõem as subjetividades (BUTLER, 2003). Assim apenas o masculino e o feminino são dados como possibilidades de identificação para os corpos.

Trabalhando a partir do endosso da escola à heteronormatividade, compreendemos que o espaço escolar – de modo mais específico o que se constrói em contextos rurais – pode ser um ambiente perigosamente violento para as subjetividades e corpos que transgridem as classificações binárias de gênero e de sexo. A semelhante conclusão chega o Relatório da Unesco (2013) sobre o bullying homofóbico, o qual apresenta dados

relevantes sobre a violência que marca os não heterossexuais nas escolas do mundo. O relatório aponta que, no Brasil 40% dos homens gays disseram ter sido vítimas de agressão física na escola.

Refletindo sobre tais problemas inerentes à vida não heterossexual, este trabalho surge da necessidade de contribuir para fortalecer a parca literatura que existe do tema quando associado a ruralidade, e principalmente ao sair do armário na escola de zona rural. Os dados coletados muitas vezes vão de encontro com as experiências pessoais dos pesquisadores, pois parte deles são jovens homossexuais de zona rural. Este aspecto influencia a escolha do objeto de pesquisa e do lugar pesquisado.

Ao analisar a trajetória de estudantes homossexuais negros egressos de uma escola rural do Litoral Oeste do Ceará, objetivamos compreender quais tensões marcam as trajetórias destes sujeitos na escola rural, e quais estratégias estes indivíduos elaboram quando desejam viver publicamente suas identidades sexuais e de gênero.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, e foi desenvolvida mediante a realização de entrevistas semi-estruturadas com sujeitos gays e negros egressos de uma escola rural situada no litoral Oeste do Ceará.

A pesquisa qualitativa se distingue por trabalhar com questões muito específicas e de natureza não quantificável. Nas palavras de Minayo (2001): “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (p.21/22). É neste sentido que a pesquisa de cunho qualitativo requer a prática do olhar minucioso do pesquisador, inserindo-o no contexto pesquisado, buscando recuperar os sentidos e os processos sutis que de outro modo não poderiam ser captados, pois neste tipo de pesquisa entende-se que “Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações” (GODOY, 1995, p. 7).

O trabalho de campo desta pesquisa consistiu em (quantas?) entrevistas semi-estruturadas individuais e em grupo com os sujeitos investigados e levantamento bibliográfico, a fim de conhecer o que a literatura apresenta sobre o tema. O estudo bibliográfico ocorre através da análise de material já produzido por outros autores (GIL, 2008). Neto (2001, p 51) argumenta que “a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse”, ou seja, permite visualizar caminhos traçados por outros investigadores e

organizar um universo para pesquisa pela confrontação dos dados coletados com os da literatura sobre o tema, contribuindo para a refutação de hipóteses ou sua confirmação.

A entrevista semi-estruturada, para May (2004) caracteriza-se pelo seu “caráter aberto”, porém focalizado. Ainda que o entrevistado possa falar livremente sobre o assunto, Gil (2008) explica que o pesquisador não pode perder o foco, esforçando-se para fazer a retomada do tema original caso o sujeito se distancie dele. Realizamos duas entrevistas de cerca de duas horas com cada sujeito e nelas foram trabalhados temas referentes às suas experiências com a Homossexualidade na escola rural. A entrevista semi-estruturada é uma ferramenta que possibilita a interação continuada entre o entrevistador e o entrevistado, porém o primeiro possui objetivos bem definidos na interação, por isso o foco é mantido mesmo que outros assuntos venham a se somar.

A partir dos dados coletados, construímos um estudo de caso, pois no contexto específico desta pesquisa as questões dos homossexuais nas escolas rurais podem ser melhores compreendidas “mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado” (MARTINS, 2008, p. 11), assim o estudo de caso possibilita-nos “a penetração em uma realidade social, não conseguida plenamente por um levantamento amostral e avaliação exclusivamente quantitativa” (idem). De acordo com Yin (2005, p.32) “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real”. Portanto, mergulhamos na realidade dos sujeitos estudados procurando encontrar suas especificidades e seus modos de ação quando se trata de sua sexualidade homoerótica.

Os sujeitos que fazem parte desta pesquisa são três jovens gays, negros e pobres egressos de uma escola rural localizada no Litoral Oeste do Ceará. Estes tiveram seus discursos transcritos, uma vez que se destacam como pessoas dispostas a participarem do estudo. Num distrito de zona rural, com cerca de 13.000 habitantes, onde é possível observar uma diversidade de pessoas homossexuais, contamos com uma amostra de 3 sujeitos, pelo fato de terem ensino médio completo coragem para narrarem suas experiências e se auto afirmarem gays e negros. A principal dificuldade da pesquisa foi encontrar pessoas gays que se afirmassem negras. Os jovens aqui pesquisados desenvolvem diferentes modos para socializarem sua sexualidade e expressarem afetividade, de modo que na escola sofreram muitos problemas de inserção nas atividades comuns do cotidiano. São jovens que possuem práticas religiosas distintas, mas que sentem o peso da tradição religiosa cristã do pequeno distrito onde vivem. Embora sintam necessidade de falar sobre suas experiências, damos nomes fictícios a eles como forma de preservar suas identidades, também ocultamos o nome da cidade para que não sejam alvo de reconhecimento público.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

É parca a produção científica que pesquisa a temática LGBT em contextos rurais. Gontijo (2015) ressalta que mesmo na consolidação de pesquisas que tomem a ruralidade como objeto de análise, pouco se investigou sobre gênero e sexualidade nestes contextos. O autor explica que na constituição de um campo de estudos sobre homossexualidade no Brasil, ainda assim a pesquisa volta-se quase sempre para a “(homo)sexualidade masculina e urbana” (p.146). Essa dificuldade de deslocar a problemática homossexual para os contextos rurais podem ser compreendida ao olharmos a homossexualidade sob a perspectiva da urbanidade. Talvez a facilidade se deva ao fato de que na cidade que se encontram melhores possibilidades de se experimentar a sexualidade homoerótica, pois o anonimato, a cultura pluralizada, as mídias de comunicação, e outras linhas de fuga, contribuem para afrouxar o regime de vigilância dos corpos. Por isso, diz Eribon (2008) que a cidade sempre foi um refúgio para os homossexuais.

Quando a homossexualidade é pesquisada nas zonas rurais, como aqui, encontra-se a dificuldade de chegar até os sujeitos gays e perguntar-lhes sobre suas experiências, uma vez que no interior, suas sexualidades constroem-se como transgressoras à “norma” e fortemente marcadas por experiências de encobrimento e dissimulação. No entanto, frente ao crescimento e expansão da internet e das redes sociais no meio rural e o conhecimento de outras possibilidades vividas nestes meios, muitos jovens têm empreendido processos de afirmação de suas sexualidades divergentes dos “padrões hegemônicos de normalidade” destes lugares. Isto não significa, porém que encontrem sucesso ou que superem definitivamente o preconceito, antes aponta que estão mudando os espaços rurais e enfrentando toda uma tradição patriarcal e heteronormativa.

Esta pesquisa realizada com jovens gays e negros habitantes de uma zona rural do Litoral Oeste do Ceará trouxe ao conhecimento que a ocorre uma diferenciação sexual e de gênero nas escolas de zonas rurais. Esta organização hierarquiza sexualidades, confere um lugar privilegiado à heterossexualidade enquanto ocupa-se em precarizar e diminuir politicamente a homossexualidade (PRADO E MACHADO, 2012). Esta relação funda uma desigualdade que acompanha toda a experiência homossexual, a qual é inerente aos processos de inferiorização e subordinação social cumpridos pelo preconceito contra pessoas LGBTs.

Noutro ponto, os indivíduos deste estudo caracterizam um quadro em que confirmam o empreendimento de Sedgwick (1985) e Borrillo (2010) que afirmam ser a homofobia e o sexismo fenômenos articulados, isto é, trabalham conjuntamente na produção de uma sociedade profundamente marcada pela desigualdade entre sexos, gêneros e orientação sexual.

Estabelecemos a próxima seção para facilitar a compreensão dos discursos dos participantes desta pesquisa, tratamos das experiências consideradas mais importantes para os objetivos deste artigo.

## **HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA: ARMÁRIOS E RESISTÊNCIAS NA ZONA RURAL**

O sujeito é uma construção social que é forjado nas e pelas relações sociais. Dentro deste complexo, entendemos que “o gênero participa, portanto, do processo de construção do sujeito, da mesma forma que a raça/etnia e a classe social” (SAFIOTTI, 1995, p.37). Isso significa que os sujeitos homossexuais se constroem no entrecruzamento de muitas tensões – relações de poder – relativas a estes marcadores sociais, que são estruturantes em suas relações de sociabilidade. Geralmente os gays entrevistados nesta pesquisa respondem que suas experiências de vida são condicionadas às pressões pela masculinidade hegemônica da zona rural, isto é, pelo distanciamento de quaisquer expressões de feminilidade e de homossexualidade (JUNQUEIRA, 2012).

Durante as entrevistas, Nicholas atribui à família um valor expressivo para a forma como se construiu, fazendo um paralelo entre sua vida familiar e sua vida social, pois segundo o entendimento dele a família rural interfere nos conteúdos da escola. Se, como defende Safiotti (1995) e outros autores construcionistas (WEEKS, 2000), os sujeitos são as histórias de suas relações sociais, Nicholas apresenta que as relações de poder na família, na escola e na sociedade rural a qual pertence, tiveram papéis relevantes para que hoje pudesse se afirmar homossexual como ato de resistência. Ele apresenta a família rural da seguinte maneira: “[...] aqui são pessoas que vieram de família muito arcaica, gente, tipo eu sou cabra da peste, eu sou macho, eu sou da roça, e isso é um dos motivos do qual eles praticavam muito a homofobia.”

Esta definição colabora para visualizarmos duas posições frequentes nos estudos sobre homossexualidade. A primeira é que vivemos numa sociedade em que o sexo, os gêneros, as sexualidades, as identidades (de classe, de raça, de etnia, de gênero, sexual) são modeladas por um complexo de relações de poder, a heteronormatividade (WEEKS, 2000, PRADO E MACHADO, 2012, SEDGWICK, 2007). Neste regime a perspectiva é a de construção de gêneros dicotômicos, o que implica numa educação pautada pela assimilação de papéis sociais específicos para o homem e para a mulher. Assim Lessa (2012) assinala que a família monogâmica é o solo histórico onde se desenvolvem os indivíduos “masculinos” e “femininos”.

Junqueira (2012) reflete que o processo de construção do sujeito masculino na escola passa necessariamente pela negação da feminilidade e da homossexualidade. Esse processo, que nas palavras de Guacira Lopes Louro (2000) se

reconhece como “Pedagogia da sexualidade”, materializa-se nos corpos dos indivíduos sexos e gêneros binários, opostos e complementares, numa sequência em que se investe na heterossexualidade como finalidade supostamente “natural”. Este processo não tem nada de natural, ele se ancora nos procedimentos curriculares e pedagógicos que têm lugar na escola, partindo das referências sociais que são construídas no âmbito da cultura para as feminilidades e masculinidades, compreendidas na lógica heteronormativa simplesmente por “feminino” e “masculino”. Porém, isto não ocorre sem a resistência dos sujeitos, pois ainda que a performatividade das relações trabalhe na modelagem dos corpos aos padrões de normalidade, certos corpos escapam para brechas e passam a ocupar não lugares vivendo suas experiências de forma precária, porém resistente (BUTLER, 2003).

A segunda posição remete-se ao fato de que as relações sociais, conforme adverte Sedgwick (2007) são reguladas pelo armário gay, um dispositivo que marca a vida de todo homossexual e de todos os que não se adequam as exigências heteronormativas de gênero e sexualidade. A homofobia e o Sexismo, presentificadas através da fala do entrevistado, confirmam empiricamente que estes preconceitos estão vinculados às instituições sociais do meio rural, atuando na manutenção de padrões de gênero e de sexualidade e repondendo pelas técnicas de vigilância, de silenciamento, de exclusão, da desumanização e abjeção das subjetividades que lutam pelo direito à diferença (JUNQUEIRA, 2012; SAFIOTTI, 1995).

Para os entrevistados, ser homossexual na escola rural representa uma transgressão em relação à ordem das coisas instituídas, neste sentido, Raul (nome fictício) e Tony (nome fictício) dizem que ocultavam suas sexualidades, reprimindo gestos e ações que pudesse denunciá-los: *“questão da orientação... da minha sexualidade, eu reprimia muito”* (Raul) e *“era mais reservado, tinha medo, tinha aquele medo, não queria”* (Tony) Este encobrimento cumpre a função principal de garantir ao indivíduo estigmatizado à posição de suposta normalidade pelos benefícios associados a esta. Porém, Goffman (1988) sugere que mesmo que alguém possa encobrir socialmente um estigma, esse poderá a ser revelado no trato das relações mais íntimas. É o que acontecia com nossos entrevistados que revelavam sua homossexualidade para suas amigas quando se sentiam seguros, com as quais constituíam alianças no sentido de conseguir inserção e proteção na escola. Estas alianças marcam as experiências dos três entrevistados no interior das escolas: *“na escola de zona rural eu sempre andava com as meninas, isso meio que me esquivava dos ataques”* (Raul) e *“elas sempre me defenderam, o que somos, principalmente os gays afeminados somos o alvo do preconceito”*. (Nicholas). Estas alianças se constroem na tensão do ambiente escolar rural, onde os homossexuais ocupam uma posição

precária na hierarquia sexual instituída. Deste modo, as alianças que surgem da necessidade de assegurarem um salvo conduto mediante ao preconceito instaurado na instituição escolar do interior.

Desta forma, tanto a ocultação de suas sexualidades quanto a violência homofóbica que paira sobre a cabeça dos não heterossexuais, constituem-se em experiências que constroem um perfil homossexual rural marcado pelo estigma e pela injúria (ERIBON, 2008), que são efeitos do armário gay (SEDGWICK, 2007).

Recentes pesquisas brasileiras apresentam um quadro tensionado pelas relações de preconceito e de discriminação nas escolas de zona rural; segundo pesquisa da FIPE (2009) em parceria com o MEC, os níveis de preconceito são maiores entre os alunos nas escolas de zona rural. As questões étnico-raciais (29%) e as de gênero (43%) concentram juntas (72%) da taxa de preconceito, apresentando diferenças com os níveis analisados em escolas de zonas urbanas<sup>1</sup>. Os sujeitos desta pesquisa confirmaram com suas experiências estes dados, porém destacando que em suas trajetórias foram muito mais afetados pela violência de gênero do que pela raça. No entanto, a cor de sua pele, ou seja, o fato de serem negros, diz um deles “*muda o olhar das pessoas em relação a nós*” (Raul). Nesta linha, o relatório da FIPE (2009) aponta que o preconceito e discriminação quando direcionados a uma área da diversidade, em geral, não ocorre de maneira isolada: “o preconceito em relação a um determinado aspecto da diversidade vem, em geral, acompanhado de preconceitos similares em relação aos outros aspectos pesquisados” (p.352). Neste sentido complexifica-se a construção dos preconceitos, sendo que os principais alvos costumam serem os pobres, negros e homossexuais. Quando o sujeito é atravessado por estes marcadores, então pode-se imaginar que seu cotidiano se torna violento, sobretudo nas periferias e zonas rurais.

Ao tratar seriamente o problema da hostilidade contra os homossexuais através de sua interseção com outros preconceitos – xenofobia, racismo, violências de gênero, classe – Borrillo (2010) apresenta evidências de que a homofobia se enraíza na sociedade por meio de complexos processos. O autor sugere que a homofobia “se exprime na vida cotidiana, por injúrias e por insultos, mas aparece também nos textos de professores e de especialistas no decorrer de debates públicos” (p.17). Entretanto, o ponto mais instigante é que a homofobia é tratada por Borrillo (2010) como algo familiar, até mesmo consensual, sendo assim, a família viceja condições para a gênese e expansão do discurso homofóbico. Para Raul “*Isso também vem da questão familiar,*

---

<sup>1</sup> Na escola da capital urbana, com o reconhecimento público da homossexualidade, os alunos entrevistados “demonstram maior conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* em que as vítimas são homossexuais (12%) do que alunos de escolas urbanas do interior (10%) e de escolas rurais (8%) (FIPE, 2009). Esse dado, certamente apresenta um quadro em que é perceptível a invisibilização e o silenciamento das homossexualidades nas escolas rurais.



*muitos pais educam seus filhos de uma forma muito rígida, muito preconceituosa [...] a sexualidade, elas (as famílias) reprimem, que é o caso de muitos pais*". Não se pode esquecer também que a hostilidade do cristianismo a tais sujeitos é fundamental para a organização de uma sociedade homofóbica. Grande parte das pressões conservadoras exercidas na escola, que culminam no não enfrentamento (pois há um ytratamento, é isso que você vem falando desde sempre, só que negativo) a práticas de violência contra homossexuais e mulheres pode ter relação com a articulação entre a igreja e a família patriarcal e monogâmica (LESSA, 2012) tradicionalmente instituídas.

Na zona rural estudada, as instituições sociais se desenvolvem fortemente influenciadas pela igreja local e pela religiosidade popular, o que fundamenta estilos de vida construídos a partir dos preconceitos repassados pela instituição de natureza disciplinar (FOUCAULT, 1987). A praça pública, que na verdade é o pátio externo da igreja Matriz da cidade, torna-se local de encontro da religiosidade para a retomada dos valores tradicionais da família, no entanto, depois de saírem da escola, os sujeitos desta pesquisa ensejam aparições públicas como mecanismos de resistências, revelando suas sexualidades e outros modos de vida que desafiam padrões de normalidade.

Ao viverem numa realidade escolar e comunitária hostil, que diminuía sua cidadania e conseqüentemente seus direitos, os indivíduos desta pesquisa assinalaram que ao terminarem sua escolaridade de ensino médio, puderam empreender processos de afirmação de suas sexualidades. Amparados pelas relações sociais que construíram com outros sujeitos homossexuais, na praça da matriz, puderam melhor pensar sobre suas sexualidades. Nicholas diz: “[nos] reunimos e a gente trata muito esses assuntos, tanto pessoais como é a gente trata esses assuntos como homofobia, essas coisas, mais relacionadas como lidar e como conviver com o preconceito”. Cabe destacar que estas novas possibilidades de resistência engloba diálogos em dialetos gays, dançinhas, exposição rasgada de suas preferências sexuais – o que produz constantemente o borramento das fronteiras de gênero e sexuais.

Embora os Organismos Internacionais dos Direitos Humanos recomendem que a homofobia seja problematizada na escola na pauta dos Direitos Humanos, conforme sugere o relatório da UNESCO (2013) ainda existem muitos desafios para esta tarefa. Um destes desafios, segundo o próprio documento, é fazer, na condição de uma permanente ação política, com que estas discussões cheguem à formação dos professores e ao trabalho com toda a comunidade escolar (principalmente os pais) a fim de gerarem atitudes concretas para a superação do preconceito homofóbico.

No que toca a escola rural, quando surgiam situações de preconceito, há a concordância entre os sujeitos que *“Essas questões nem*

*chegaram a gestão da escola, que é uma coisa que acontece muito, pois os próprios alunos tem medo de bater de frente com o professor” (Raul). Este dado remete ao cotidiano de silenciamento dos gays na escola, que dissimula o preconceito, pois como afirma Junqueira (2012), este tem sua entrada franqueada e permitida na escola, pois a mesma o cultiva, ensina, e reproduz. Esta negligência contribui para tornar ainda mais difícil a permanência de LGBTs, que conforme discutem muitas pesquisas encontram dificuldade em permanecer na instituição escolar. Revela ainda que aqueles que escapam as expectativas são postos à margem das preocupações escolares, sendo abjetados (BUTLER, 2002). É urgente trabalhar gênero, sexualidade, diversidade sexual e direitos humanos nas escolas rurais.*

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As trajetórias dos sujeitos gays e negros desta pesquisa recuperam tensões que são características da vida de gays na escola, embora aqui falem especificamente de suas experiências na escola rural. Tensões que revelam as relações de poder que constroem gêneros e sexualidades heteronormativos, construídos no bojo da família monogâmica e da escola por preconceitos relativos à sexualidade. A par de suas posições precárias na hierarquia escolar, estes indivíduos manipulam sua identidade na intenção de serem menos afetados pela violência homofóbica: “[...] *pois os próprios alunos tem medo de bater de frente com o professor”*(Raul).

Suas experiências demarcam um campo fértil de pesquisa, a homossexualidade nas escolas de zona rural, e à medida que esta problemática é cruzada com os dados produzidos sobre preconceito nas escolas rurais (FIPE, 2009) ocorre o entendimento que é urgente construir políticas públicas em Direitos Humanos para serem desenvolvidas nas realidades rurais – aplicando-as às formações de professores, gestão escolar, comunidade escolar.

Os indivíduos desta pesquisa nos mostraram que na emergência da homofobia e do sexismo inventam outros modos de reinvenção para suas identidades, constroem alianças com outros grupos diminuídos, e assim desativam ou minimizam os efeitos da violência homofóbica (UNESCO, 2013). Estas alianças, principalmente constituídas com as mulheres, estabelecem uma cultura onde a convivência entre grupos é agenciada por suas trajetórias marcadas pelo preconceito. As mulheres são vítimas de uma histórica dominação masculina da cultura ocidental e como apresenta Bourdieu (2002) possuem um status social inferior ao do homem. Isto é semelhante à subcidadania conferida aos homossexuais, que são incluídos periféricamente na sociedade (PRADO E MACHADO, 2012).

No conflito e na ruptura, são redes de solidariedade que sustentam o modo de vida não heterossexual nas escolas rurais. É preciso

ainda pensar sobre o modo de atuação da escola frente aos preconceitos, a discriminação e como esta atuação pode ser modificada para gerar uma cultura de paz e solidariedade entre todos os seus personagens, independente da condição social, de raça, de etnia, de credo, de gênero e de orientação sexual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORRILLO, D. **Homofobia história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**; Tradução Maria Helena Kuhner. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, J. *Cuerpos que importam*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. **O parentesco é sempre tido como heterossexual?** Tradução: Valter Arcanjo da Ponte; Revisão: Plínio Dentzien. Cadernos pagu (21) 2003: pp.219-260.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FIPE, MEC, INEP, **Relatório Final do Projeto de estudos sobre ações discriminatórias no ambiente escolar**. São Paulo, 2009. Disponível em [portal.mec.gov.br/documentos/relatoriofinal.pdf](http://portal.mec.gov.br/documentos/relatoriofinal.pdf). Acesso em 13 de jul. 2017.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** / Antônio Carlos Gil. – 6. Ed. – SÃO Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

GONTIJO, F. S. **SEXUALIDADE E RURALIDADE NO BRASIL: O QUE OS ESTUDOS RURAIS E OS ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE (NÃO) DIZEM SOBRE ESSA RELAÇÃO?** Revista de Antropologia, n. 45, 2015, p. 145-158.

JUNQUEIRA, R. D. **Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar**. MILSKOLCI, Richard (Org.). *Discursos fora da Ordem: deslocamentos, reinvenções e direitos*. São Paulo: Annablume, 2012. (Série Sexualidades e Direitos Humanos).

LESSA, S. **Abaixo à família monogâmica!** São Paulo : Instituto Lukács, 2012.

- LOURO, G. L. **Pedagogias da Sexualidade.** In LOURO, G, L (org.) *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade.* (p. 9-34). Belo Horizonte, Autêntica, 2005.
- MARTINS, G. A. **Estudo de caso:** uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. *Revista de Contabilidade e Organizações*, v. 2, n. 2, Jan./Abr., 2008, p. 9-18.
- MAY, T. **Pesquisa social:** questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MISKOLCI, R. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- NETO, O. C. **O trabalho de campo como descoberta e criação.** In MINAYO, M. C. de S. (org.) *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.* 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PRADO, M. A. **Preconceito contra homossexualidades:** a hierarquia da invisibilidade / Marco Aurélio Máximo Prado, Frederico Viana Machado. -2. Ed- São Paulo: Cortez, 2012.
- SAFIOTTI, H. Diferença ou Indiferença: Gênero, Raça/Etnia, Classe Social In: ADORNO, S. A **Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade.** Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1995.
- SEDGWICK, E. K. A **Epistemologia do Armário.** In: *Cadernos Pagu.* Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Between Men. English Literature and Male Homosocial Desire.** New York: Columbia University Press, 1985.
- UNESCO, **Resposta do Setor de Educação ao bullying homofóbico.** – Brasília: UNESCO, 2013. 60p.
- WEEKS, J. **O corpo e a sexualidade.** Termo In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade.* Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2ª edição. Belo Horizonte, Autêntica, 2000, p. 24-60.
- YIN. R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3 ed., Porto Alegre: Bookman, 2005.